



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9209 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT22 - Educação Ambiental

Proposições cosmopolíticas para a educação ambiental: contribuições de Nêgo Bispo contra a cosmofobia

Lucia Cavalieri - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Dafne Rozenwaig de Faria E Souza - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Ana Paula Massadar Morel - UFF - Universidade Federal Fluminense

Este artigo traz para o campo da Educação Ambiental o entrelaçamento de três propostas: a *proposição cosmopolítica* de Stengers, que afasta teorias generalizantes para debruçar-se em mundos divergentes; o *perspectivismo ameríndio*, que abandona a noção ocidental de Natureza e convoca o multinaturalismo. E, por fim, a *cosmofobia*, identificada por Nêgo Bispo, como a doença gerada e vivida pelo *colonialista*.

Palavras-chave: Cosmopolítica, Cosmofobia, Perspectivismo Ameríndio, Natureza, Educação Ambiental.

Introdução

O avanço da pandemia da COVID-19 no mundo tem evidenciado a “crise civilizacional” em que nos encontramos. Se vivíamos um período, em que, apesar de todas as evidências da catástrofe climática, ainda buscava-se sustentar o suposto controle do homem sobre a Natureza caminhando inexoravelmente para o progresso, a expansão (des)controlada de um vírus parece dar ainda mais indícios para o fim das certezas ancoradas na supremacia da técnica já tão capturada pelo capital. Cientistas, e povos originários e tradicionais se erguem neste momento contra o negacionismo, nos alertando sobre modos de vida predatórios que precisam ser revistos com urgência[1].

A partir de distintas perspectivas, etnias indígenas vêm apontando para a importância de perceber como a Terra é habitada por uma multiplicidade de seres com os quais é preciso negociar[2]. A origem do coronavírus não seria para alguns desses povos uma surpresa, no sentido de que se você desmata, você agride os seres que habitam um determinado ambiente, estes seres reagirão de alguma forma.

Diante das importantes contribuições trazidas por esses povos para o momento dramático que atravessamos, parece-nos ainda mais urgente a tarefa de mobilizar para o âmbito da Educação Ambiental (EA) a possibilidade de aprender e compor com distintos modos de estar com e na Natureza. Tal preocupação suscita algumas questões: Como pensar a EA “em presença” (STENGERS, 2007) das ontologias dos diferentes povos? Como

refletir sobre as ações de EA com comunidades que se relacionam de outra forma com os “modos de expressão da Natureza” (ESPINOSA, 1983)?

Para refletir sobre tais questões, mobilizamos para o campo da Educação Ambiental as noções de cosmopolítica (STENGERS, 2007), de cosmofobia (BISPO, 2015) e do perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO, 2018). Como ensaio teórico, este artigo debruça-se^[3] no diálogo com a produção acadêmica e cria laços mais densos com matrizes conceituais pouco presentes em pesquisas no campo da EA. Apresenta também, como pano de fundo, as pesquisas realizadas pelas autoras com comunidades tradicionais, camponesas e ameríndias.

Cosmopolítica: uma provocação à Educação Ambiental

Ao tratar da relação entre a ciência moderna com outros tipos de conhecimento, Isabelle Stengers (2020) afirma que é preciso ir para além da “maldição da tolerância”, isto é, o modo condescendente com que muitas vezes o pensamento ocidental trata mundos distintos. Segundo ela, a tolerância guarda uma ânsia destruidora, já que é muito fácil destruir algo que você apenas tolera. Entendemos que a “maldição da tolerância” é uma das roupagens da lógica colonial, uma das estratégias de invisibilizar epistemologias e ontologias.

Para escapar dessa maldição, a autora nos instiga a pensar desde uma proposição cosmopolítica (STENGERS, 2007), reflexão que buscaremos incorporar à EA. A proposição cosmopolítica não pretende ser uma nova teoria generalizante ou receita fechada. Desviando da noção tão presente no pensamento ocidental de “universal neutro”, Stengers propõe “desacelerar” os raciocínios a partir de um outro tipo de sensibilidade. Nesse sentido, acrescentar a enigmática palavra “cosmos” à política é uma tentativa de trazer uma inquietude à voz política que se ancora em um mundo comum transcendente. A cosmopolítica, como proposição, designa o desconhecido que constitui os múltiplos mundos divergentes, possibilitando articulações e o aparecimento de novas vozes contra a tentação de uma “paz final”.

Nossa aposta teórica é que quando o Cosmos adentra à EA, perdemos a estabilidade das teorias generalizantes sobre a Natureza em prol de um mundo que, segundo Stengers (2007), é povoado por incertezas e por problemas cujas repercussões se apresentam como planetárias. Tal operação possibilita uma “délocalisation du politique” (STENGERS, 2007), ou seja, sua reinvenção em todos os lugares onde a ideia de que “isso não é político” deixou o caminho aberto para a inventividade destruidora capitalista. Com isso, a Natureza deixaria de ser algo relativo ao mundo “lá de fora” e, as teorias pedagógicas, que costumam ter como objeto os humanos e seus modos de ensinar e aprender, passariam a ser ocupadas por uma série de relações outras que dizem respeito ao que se convencionou chamar de Natureza.

Nessa mesma direção, compartilhamos de algumas lições propostas por Goldman (2006) ao desenvolver uma teoria etnográfica da política, qual seja, evitar as abordagens efetuadas em termos negativos – aquelas que privilegiam as faltas, ausências, ideologias e manipulações -, para fazer entrar o que geralmente se exclui da política e das teorias educativas: deuses, espíritos, terra, animais, rios, montanhas e saberes das crianças.

Tal proposição cosmopolítica no âmbito educativo não pode ser confundida, com uma postura “relativista”, que simplesmente iguala as diferentes culturas, como bem alertou Viveiros de Castro (2018) ao tratar da diferenciação entre o relativismo

multiculturalista e o perspectivismo multinaturalista. Segundo ele, as categorias de Natureza e Cultura no pensamento ameríndio não têm o mesmo estatuto que no pensamento ocidental. Enquanto para este último, Natureza e Cultura seriam regiões do ser, segundo o perspectivismo estas categorias se estabelecem como configurações relacionais, perspectivas móveis. Ao articularmos o perspectivismo ameríndio e a proposição cosmopolítica com a EA, sugerimos pensar as teorias dos povos sobre a Natureza não simplesmente como expressões culturais a partir de um fundo único comum da Natureza, mas como teorias que permitem desestabilizar a própria noção de Natureza como ente comum estático.

Há mil tons nas concepções das comunidades originárias e tradicionais nascidas em Pindorama, originadas em *Abya Yala*, como se refere Antônio Bispo dos Santos (2015, 2020), conhecido como Nêgo Bispo, e assim tratado neste artigo.

Conceitos-denominações: estratégia contra colonial

Uma potente cosmopolítica da Natureza é deslindada por Nêgo Bispo, importante liderança afroquilombola e morador do quilombo Saco do Curtume, situado no interior do Piauí. Ele se entende como um tradutor de mundos: traduz da oralidade para a escrita o que aprendeu com sua geração-avó. Reversamente, traduz da escrita para a oralidade documentos jurídicos duros da ordem do planejamento ambiental e territorial.

Desde a oralidade, corporificando a ancestralidade, Nêgo Bispo enuncia a *cosmofobia*[\[4\]](#), ou seja, o medo do sagrado, do cosmos, a impressão de que estamos sós no mundo e, por isso, não podemos traçar alianças com outros povos nem com a Natureza.

Para Bispo, a *cosmofobia* é a doença gerada e vivida pelo colonizador: *a sociedade euro-cristã colonialista*. Ela reproduz ontológica e epistemologicamente, há séculos, um modo de estar nesse mundo pautado pelo medo instituído por Deus. Quando Adão e Eva comem do fruto proibido do conhecimento são condenados a viver na terra amaldiçoada, trabalhando como castigo. Já para os povos de matrizes politeístas, segundo Bispo, a terra é sagrada e as divindades povoam a vida. Vive-se em *compartilhamento* com o Cosmos e o conhecimento advindo da Natureza, a maçã e a serpente, configuram o denominado *saber orgânico*.

Num diálogo interepistêmico, as noções de cosmopolítica e *cosmofobia* foram tratadas por Goldman e Nêgo Bispo em *Metafísica da rede Debate: Cosmopolítica e Cosmofobia* (2020). O diálogo nos instiga à potência do encontro entre o saber científico e o tradicional. Tal como as provocações de Stengers e Viveiros de Castro, não há uma paz final, tampouco um relativismo multicultural. No diálogo, há tensões, provações, conexões parciais, risos e sabedorias compartilhadas.

Contra os *colonialistas*, Nêgo Bispo mobiliza o que chama de *a guerra das denominações*, conceitos-denominações[\[5\]](#) na ação própria do ato de contra colonizar. Nessa disputa, o autor critica o campo dos estudos decoloniais e descoloniais, pois tais termos significariam o "fim do jogo" e ocultariam a recusa do debate efetivo. Em oposição, a *contra colonização*, defendida por ele, é movimento constante de resistência em diferentes dimensões e escalas.

A proposição *contra colonial* de Bispo reconhece formas de produzir e circular conhecimentos como estratégia de sobrevivência que, no cruzo do Atlântico, na diáspora africana com milhares de escravizados, *confluiu* com os povos originários. Aqui, a *contra*

colonialidade, se refaz diariamente com *envolvimento comunitário* que insiste em práticas e políticas de *compartilhamento*. Os povos originários e tradicionais sabem entrançar, portanto produzem *saber orgânico*, base ontológica, conceitual, política e prática da vida. Já o colonialista, para Bispo, não sabe entrançar, pois seu tecido é sintético e fragmentado, bem como seus saberes.

Na *educação cosmo-fóbica*, por meio do *saber sintético/fragmentado*, o colonizador e o educador exercem papel similar ao do adestrador, pois, segundo Bispo, realizam três movimentos: desterritorializam o ente atacado; quebram sua identidade retirando-lhes de suas cosmologias; e criam novos hábitos como tentativa de apagamento da memória. Uma Educação Ambiental conservadora e/ou pragmática, ao destratar cosmopolíticas, reproduziria a educação cosmo-fóbica. No contra golpe - porque contra colonizar também é enfrentar - o *saber orgânico* faz *criação cosmológica* [6], para Bispo este seria o principal fundamento e caminho da educação. Os *saberes orgânicos*, compartilhados com o cosmos, *transfluem* [7] ou seja, movimentam-se pelo cosmos por meio da chuva, das águas, dos ventos, para *confluir* e, assim, *inspirar*. A *transfluência* ocorre em um tempo que convoca a ancestralidade que é vivida como *começo-meio-começo*, porque *o mundo é redondo e qualquer ponto da roda é início*. Nesse sentido, a criança integra o ciclo da ancestralidade porque é começo e manifesta em seu ser a plenitude para confluir.

Último fio da trança e o ‘ebó epistemológico’: Educação Ambiental

A EA não é um campo sem fissuras e disputas. Pelo contrário, é reivindicada por governos, bancos, agências supranacionais, currículos escolares e povos tradicionais e originários em situação de conflito ambiental. Em comunidades tradicionais, indígenas e camponesas, as autoras deste ensaio se alinham à perspectiva crítica e investigam, nas práxis de suas pesquisas e militâncias, as relações humanas com outros seres na e da Natureza.

A Educação Ambiental de Base Comunitária (EABC) entende que as relações sociais se estruturam com base em conflitos ambientais e que essas disputas atingem determinados corpos, subjetividades e territórios de forma desigual. Ela se coloca como campo pensante e resistente junto às comunidades que têm seus modos de existir com e na Natureza constantemente ameaçados por uma lógica colonialista de destruição ambiental.

Para que a EABC possa enfrentar a *cosmofobia*, nos parece importante caminhar para além da simples *tolerância* com os povos originários e tradicionais, fomentando uma articulação com os *saberes orgânicos* e as múltiplas ontologias de Natureza trazidas por estes povos.

Nesse sentido, as “teorias”, assim denominadas por Viveiros de Castro (2018), trazem implicações para a própria base conceitual da EABC, que não poderá se assentar na “paz final” de Natureza como fundo único comum. Deuses e espíritos que habitam os rios, montanhas e florestas passam a habitar também à práxis da EABC. “Em presença” (STENGERS, 2007) dos povos originários e tradicionais somos convocados para a necessidade de ter *cuidado* com a rede de relações que funda o enigmático *cosmos*.

Cosmopolíticas originárias e tradicionais nos convidam a outras imagens do mundo. Além de trazer alento e poesia, nos provocam a entender os movimentos políticos e epistêmicos advindos dessas imagens. Novamente, com Viveiros de Castro (2018) e Bispo (2020), intentamos emprestar nossa imaginação para semear outros possíveis: poéticas do

espaço, da Natureza, das crianças dos seres, da Educação Ambiental.

Referências Bibliográficas

ESPINOSA, B. de. Ética. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

GOLDMAN, M. Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

KASSIADOU, A.[et.al.](org.) Educação Ambiental desde El Sur. Macaé: Editora NUPEM, 2018.

SANTOS, A. BISPO. Colonização, Quilombos: Modos e Significações 2ª ed. Associação de Ciências e Saberes para o Etnodesenvolvimento AYÓ. Brasília, 2015.

SANTOS, A. BISPO e GOLDMAN, M. In: Metafísica da rede Debate: Cosmopolítica e Cosmofobia, disponível em Canal do PPGu UnB, 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=IBlhkKzzHmo>. Acesso em 05/08/2020.

STENGERS, I. La proposition cosmopolitique. In: LOLIVE, J. SOUBEYRAN, O. L'emergence des cosmopolitiques. Paris: La Découverte. 2007.

_____. A maldição da tolerância. R@U, 12 (1), jan./jun. 2020.

TIRIBA, L. Educação Infantil como direito e alegria. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Metafísicas Canibais –Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora N-1edições, 2018.

[1] Não se trata aqui de adotar a perspectiva catastrofista presente em alguns apelos da Educação Ambiental, trata-se apenas de instigar mudanças mais profundas, para além de pragmatismos.

[2] A noção de negociação não se assemelha em nada com a lógica do capital, mas sim com a arte de ter cuidado (STENGERS, 2007) e com a noção de vingança tão cara ao perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO, 2018).

[3] Respeitando o contorno de número máximo de caracteres estipulado.

[4] Natureza, Cosmos, deuses e divindades se misturam na fala de Bispo. Optamos aqui trazer os conceitos cunhados por ele em itálico.

[5] Cita outras denominações como biointeração, confluência, saber orgânico, transfluência, além do mote deste artigo: a cosmofobia.

[6] No debate com Goldman, Bispo fala em formação cosmológica quando incitado a falar sobre educação. Em comunicação oral, Bispo já reviu o conceito e lançou o 'criação cosmológica'.

[7] Os conceitos correlatos à transfluência, como confluência, inspiração, transporte e influência serão tratados no artigo final.